

O CORPO INCERTO: CORPOREIDADE, TECNOLOGIAS MÉDICAS E CULTURA CONTEMPORÂNEA. Ortega F. Rio de Janeiro: Garamond; 2008. 256 pp.

ISBN: 978-85-7617-140-9

O livro *O Corpo Incerto: Corporeidade, Tecnologias Médicas e Cultura Contemporânea*, de Francisco Ortega, reúne uma série de textos que discutem o estatuto do corpo na contemporaneidade e as implicações para a construção da subjetividade. O autor destaca o caráter ambíguo da cultura do corpo ou cultura somática, uma vez que, ao mesmo tempo em que ocorre o recrudescimento do controle e da vigilância sobre o corpo, produz-se um maior grau de incerteza sobre ele.

Ortega inicia o seu livro com uma análise das nuances das práticas ascéticas ao longo da história através de contrapontos entre o ascetismo antigo clássico e o que denomina de *bioascese* contemporânea. Nos três capítulos posteriores, aborda temas relacionados ao corpo com base em três pontos de vista: um estritamente da atualidade, um histórico-cultural e um filosófico. Desde as práticas de modificação corporal, passando por uma história cultural dos modos como a medicina vem tornando o corpo progressivamente transparente, Ortega encerra o livro com uma abordagem filosófica que coloca o corpo entre o construtivismo e a fenomenologia.

No primeiro capítulo, intitulado *Do Corpo Submetido à Submissão ao Corpo*, o autor analisa diacronicamente o imperativo ascético, contrapondo à antiguidade greco-romana a contemporaneidade, distinguindo a *ascese* da *bioascese*. Segundo Ortega, na antiguidade grega, a *ascese* era fundamentalmente uma prática de liberdade que integrava corpo e alma, remetendo aos valores comunitários e à necessidade de singularização, demandando a solidariedade política, mas permitindo a resistência à cultura. Em contrapartida, a *ascese* contemporânea, ou a *bioascese*, fez nascer uma nova forma de sociabilidade, uma *biossociabilidade*. Em vez de práticas de liberdade, exercícios de adequação, de conformidade à norma. No lugar do outro e da *polis*, o eu extremamente individualizado. Sob as ideologias da *healthism*^{1,2} (moralidade da saúde) e do *fitness* (moralidade da adequação), o homem contemporâneo se vê obrigado a constituir uma “*bioidentidade apolítica*” (p. 46), levado pelos discursos da saúde e da perfeição corporal. Enquanto as *asceses* clássicas possuíam uma dimensão político-social, que privilegiava o conjunto social e visava à liberdade, as *bioasceses* são individualistas e estão submetidas ao disciplinamento corporal.

O segundo capítulo, *Modificações Corporais na Cultura Contemporânea*, bastante sumário, tem como objeto as práticas de personalização corporal, com vistas à constituição de uma bioidentidade. O autor analisa, particularmente, as abordagens relativas às modificações corporais, tais como a tatuagem, o *piercing*, o *branding*, o *burning*, o *cutting* ou *scarification*

e os implantes subcutâneos. Para Ortega, tais práticas nem representam uma moda superficial de incorporação de elementos exóticos próprios das sociedades de consumo, tampouco são fruto de patologias mentais. Ao contrário, representariam a saída encontrada pelos sujeitos para encontrar âncoras para o *self*, um ponto de permanência, de estabilidade e pertencimento socioculturais, diante da insegurança motivada pela reestruturação dos laços sociais fomentada pela lógica da biossociabilidade, que deslocou os critérios de agrupamento tradicionais (coletivos) para o corpo (individual). Nesse capítulo, o corpo estaria ante a ambigüidade da busca solitária pela autenticidade e a coletiva de pertencimento social. Na cultura somática da biossociabilidade, as marcas corporais seriam a tentativa de restabelecer o “elo perdido” entre o indivíduo e a cultura.

No terceiro capítulo, intitulado *O Corpo Transparente: Para Uma História Cultural da Visualização Médica do Corpo*, Ortega resgata aspectos históricos relacionados à exploração e descoberta do corpo, especialmente das partes internas e de seu funcionamento, para contextualizar uma “*genealogia das diferentes tecnologias médicas de visualização do corpo*” (p. 71). O argumento central é que, desde as práticas de dissecação, marcadas principalmente por Vesalius (1543), instalou-se a primazia do cadáver e, também, da visualidade, na biomedicina, elementos que dariam o caráter científico e objetivo aos estudos (não só médicos) sobre o corpo. Para Ortega, a anatomia e o modelo de corpo-máquina, proposto por Descartes, contribuíram para a compreensão do corpo em terceira pessoa, um corpo-objeto, fragmentado, “algo que se tem”, privando-o de sua dimensão subjetiva. Essa seria a base sobre a qual se desenvolveram as técnicas de visualização do corpo, desde aquelas ligadas à instrumentalização às novas tecnologias médicas de imageamento corporais. A hegemonia da visão, para Ortega, propicia o conhecimento do corpo como imagem, o que, na contemporaneidade, favorece a cultura da externalização e a desincorporação da subjetividade, passando ao largo da apreensão do corpo como unidade ou totalidade.

No quarto capítulo, *O Corpo entre Construtivismo e Fenomenologia*, Ortega procura emoldurar as discussões anteriores, centrando-se na controvérsia entre construtivismo e essencialismo, que constituem os extremos de um espectro sobre as posições teóricas acerca do corpo. Para Ortega, tanto a posição essencialista quanto a construtivista apresentam uma visão descarnada de corporeidade, cuja experiência subjetiva é ignorada. Associando o construtivismo social a uma tradição que se baseia no pensamento de Foucault³, Ortega direciona suas críticas, sobretudo à concepção foucaultiana de que não há um sujeito fundacional. O autor estabelece uma relação com a discussão empreendida no capítulo anterior, argumentando que esta posição está ligada ao privilégio concedido à visão na obra de Foucault, sentido que “*esvazia o corpo de sua*

substância" (p. 199) e o afasta do sujeito. Ortega propõe a superação dos dualismos defendendo uma fenomenologia corporal, para a qual há uma relação indissociável e um vínculo intencional entre o corpo e o ambiente. "*Privilegiar o corpo fenomenológico é privilegiar o corpo que age. Toda ação é, em primeiro lugar, uma ação corporal*" (p. 210). Sua hipótese é que uma visão construtivista de corpo não constitui uma postura discursiva subversiva ou emancipatória. Para Ortega, somente um olhar fenomenológico do corpo o capacita para a ação de resistência, estabelecendo-o como uma instância crítica em relação aos discursos dualistas. Ainda nesse capítulo, brevemente, o autor aborda um dos debates mais pungentes da atualidade, a saber, o do uso das biotecnologias na artificialização da vida e do corpo humano.

Em suma, o livro permite uma visão ampla de aspectos históricos, culturais e filosóficos sobre os debates atuais acerca do corpo, que interessa sobremaneira a diferentes áreas do saber que não apenas as biomédicas. Entre contribuições teóricas e interpretações polêmicas, destacamos três importantes reflexões: a primeira diz respeito ao uso do conceito de biossocialidade em contraposição ao de biopolítica. A segunda, o resgate histórico da visualização do corpo, que permite compreender o enraizamento da concepção tão fortemente arraigada do corpo fragmentado e objetivado, moldando muitas das práticas e posturas diante do corpo. O último destaque se refere à crítica feita à noção de corpo foucaultiana, seguramente uma análise controvertida, que merece atenção.

Depreendemos que é inestimável a contribuição dada pelo autor por meio da detalhada análise que faz do acesso cada vez mais ao interior do corpo e, ao mesmo tempo, de como o mesmo interage com as características particulares da sociedade contemporânea. Diante do exposto, resta clara a importância do livro em tela para pensar a atualidade.

Sílvia Maria Agatti Lüdorf
Murilo Mariano Vilaça
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
sagatti.rlk@terra.com.br

1. Crawford R. Healthism and the medicalization of everyday life. *Int J Health Serv* 1980; 10:365-88.
2. Cheek J. Healthism: a new conservatism? *Qual Health Res* 2008; 18:974-82.
3. Foucault M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2004.